

JAZIGOS E COVAS RASAS: O LIVRO QUE GILBERTO FREYRE NÃO ESCREVEU? | Solange de Aragão

Pós-doutoranda em História da Arte | Universidade de São Paulo | Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo | Laboratório da Cidade | Setor de Estudos da Paisagem
R. do Lago, 876, 05508-080, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: solangedearagao@hotmail.com

JAZIGOS E COVAS RASAS: O LIVRO QUE GILBERTO FREYRE NÃO ESCREVEU?

A trilogia publicada por Gilberto Freyre, que corresponde aos três volumes iniciais da História da Sociedade Patriarcal no Brasil, principia com a publicação de *Casa-grande & senzala*, em 1933. O título indica a oposição desses dois tipos de moradia: a casa-grande, habitada pelos senhores de escravos, e a senzala, o abrigo dos trabalhadores compulsórios. Apesar de nomear sua obra com essas duas formas de habitação do período colonial, e não obstante o fato de adotar a casa como centro de interesse em seus estudos, Freyre fornece poucas informações sobre esses tipos de moradia nesse primeiro ensaio. O trecho mais significativo, referente a esses tipos edificatórios, aparece logo de início, no prefácio do livro:

A Casa-Grande de engenho, que o colonizador começou, ainda no século XVI a levantar no Brasil — grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais — não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. Desde esse momento que o português [...] tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; o criador de um novo tipo de habitação (Freyre, 2006a, p.35).

Nesse primeiro volume da História da Sociedade Patriarcal no Brasil, interessa mais ao sociólogo discorrer sobre as três raças formadoras da sociedade brasileira: o índio, o português e o negro, e demonstrar que o processo de miscigenação teve resultados positivos na formação do povo brasileiro, em um período (1933) em que se enaltecia a raça pura em detrimento da mistura de raças. Freyre escreve também sobre os traços culturais do índio, do português e do negro, e sobre o modo como se mesclaram na formação do Brasil.

São três raças e três influências culturais, mas o título enfatiza apenas a dualidade, a oposição e complementaridade de apenas duas formas de morar: a do luso-brasileiro (senhor de engenho) e a do escravo (africano) — embora o indígena também tenha sido escravizado, a senzala foi o tipo de habitação característico do escravo de origem africana. Percebe-se assim que os títulos adotados por Freyre podem indicar os extremos, mas, em sua obra, o sociólogo considera outros aspectos — o entremeio, o intermediário, ou simplesmente outros elementos relacionados aos opostos enfatizados.

Essa mesma observação é válida para *Sobrados e mucambos*. Nessa obra, Gilberto Freyre estuda o sobrado — o tipo de habitação urbana mais civilizada nos trópicos, a moradia urbana por excelência da família patriarcal do Brasil — e o mucambo — a habitação do ex-escravo, do caboclo, do escravo fugido, que recebe influências ora mais africanas, ora mais indígenas. Mas trata do mesmo modo da casa térrea, da casa de sítio, da casa de chácara — tipos de habitação e formas de morar, por vezes relacionadas a outros elementos sociais que não aparecem no título.

Mais do que em *Casa-grande & senzala*, em *Sobrados e mucambos* Freyre se detém no detalhamento da casa brasileira (neste caso, das residências urbanas e semi-urbanas da primeira metade e meados do século XIX), revelando as diferenças regionais, as influências culturais, os materiais construtivos, a variação no número de pavimentos, o arranjo interno das construções de uso residencial. Todavia, seu objetivo é demonstrar a decadência do patriarcado rural no Brasil e a ascensão do mulato, tendo como centro de interesse a casa — da mesma forma que faz em *Casa-grande & senzala*. Freyre analisa minuciosamente as mudanças nas relações sociais ao longo do oitocentos (entre pais e filhos, entre o homem e a mulher, entre senhores e escravos), e registra como o processo de re-europeização interfere na moradia, na cidade, na rua, no jardim, nos usos e costumes dos brasileiros, em seu vestuário, em sua alimentação, em seu modo de vida.

Ordem e progresso completa a trilogia, mas não expressa no título a oposição das formas de morar mencionadas por Freyre ao longo do texto — como o palacete e a vila operária ou o palacete e o cortiço, com o chalé no entremeio, representando a moradia burguesa, entre as habitações mais ricas e as habitações mais pobres do espaço urbano. Diferentemente das obras anteriores, baseadas primordialmente nos relatos de viagem, nos inventários e testamentos, nas correspondências da Corte, nos anúncios de jornal, nos livros de receita, na análise de litogravuras e imagens fotográficas, entre tantas outras fontes documentais consultadas pelo sociólogo, *Ordem e progresso* tem por base, além de uma vasta bibliografia

e de fontes documentais já estudadas por Freyre, as respostas de um questionário enviado a personalidades e pessoas comuns nascidas entre 1850 e 1900. A República de 1889, o progresso cultural, as mudanças de ordem econômica e o processo de industrialização do país, bem como a influência norte-americana em contraposição à influência europeia são alguns dos temas abordados por Freyre nessa obra cujo título expõe o lema positivista e republicano.

Jazigos e covas rasas seria o quarto volume dessa sequência da História da Sociedade Patriarcal no Brasil. Mas quais seriam os temas abordados? Qual seria o período histórico? Existem ao menos três versões sobre o que aconteceu a essa obra: a de que esse volume foi apenas planejado pelo sociólogo, a de que o volume foi iniciado, mas não foi concluído, e a de que o texto chegou a ser escrito, mas o manuscrito desapareceu da residência de Freyre.

Maria Stella Bresciani, em seu artigo “A casa em Gilberto Freyre: síntese do ser brasileiro?”, menciona o quarto volume da História da Sociedade Patriarcal no Brasil de Gilberto Freyre, enfatizando a oposição arquitetônica expressa no título. Fala no entanto sobre um volume apenas “planejado”, sem evidenciar se chegou a ser escrito ou não:

Casa-grande & senzala (1933), Sobrados e mucambos (1936) são os títulos dos dois primeiros volumes da trilogia escrita por Gilberto Freyre que chega até *Ordem e progresso* (1957) sem completar o projeto inicial dos quatro volumes que terminariam com *Jazigos e covas rasas* [...].

O quarto volume planejado voltaria a expressar no título nova polarização arquitetônica, na contraposição dos jazigos, com frequência monumentais das grandes famílias, com as covas rasas dos escravos e dos pobres. A materialidade dos túmulos selaria os destinos opostos das duas parcelas da população em sua última moradia (Bresciani, 2002, p.41).

Sevcenko (2004), na apresentação à sexta edição de *Ordem e progresso*, afirma que Gilberto Freyre “não chegou a terminar” *Jazigos e covas rasas*, e que esta obra estava prevista para ser “apenas um ensaio”. Ora, tanto *Casa-grande & senzala*, como *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso* são considerados ensaios pelo sociólogo. Não existe portanto essa hierarquização entre os três primeiros volumes e o último. *Jazigos e covas rasas* seria tão importante nessa sequência da História da Sociedade Patriarcal no Brasil quanto os demais. Em relação ao recorte temporal, segundo Sevcenko, *Jazigos e covas rasas* abordaria o mesmo período que *Ordem e progresso*:

O plano inicial de Gilberto Freyre era o de uma tetralogia, envolvendo ainda *Ordem e progresso*, abordando dos anos 1870 até ao fim da Grande Guerra e concluindo com *Jazigos e covas rasas*, que não chegou a terminar. Como esse último estava previsto para ser apenas um ensaio e mais um contraponto que um desdobramento temporal em relação ao anterior, temos de fato em *Ordem e progresso* o fechamento do ciclo

Gilbertiano. Visto em perspectiva, ele nos demonstra como o antropólogo encapsulou mais de quatro séculos de história em três sínteses sincrônicas consecutivas (Sevcenko, 2004, p.23).

Observa-se, assim, que, enquanto Maria Stella Bresciani refere-se a *Jazigos e covas rasas* como um volume planejado, Nicolau Sevcenko considera-o inacabado. É contudo o próprio Gilberto Freyre quem esclarece a questão em sua “Nota metodológica” de *Ordem e progresso*:

Este estudo — *Ordem e progresso* — é o terceiro da série que, iniciada com o ensaio *Casa-grande & senzala*, teve sua continuação em *Sobrados e mucambos* e será concluída — como já se disse no prefácio — com o ensaio *Jazigos e covas rasas*, **atualmente em rascunho e a ser publicado em breve**. Constituem os quatro uma tentativa de introdução sociológica e antropológica à história da sociedade patriarcal no Brasil (Freyre, 2004, p.39, grifo meu).

Se a obra estava “em rascunho” à época da publicação de *Ordem e progresso*, então de fato existia um manuscrito e, se poderia ser publicada “em breve”, estava praticamente concluída. Tudo indica, portanto, que Gilberto Freyre chegou mesmo a escrever o quarto volume de sua História da Sociedade Patriarcal no Brasil, o que leva à conclusão de que a terceira hipótese seja talvez a mais coerente: a de que o manuscrito desapareceu de sua residência. Mas resta ainda outra questão. Considerando-se o desaparecimento do manuscrito, por que o sociólogo não se dispôs a reescrever a obra, se entre 1959 (ano da publicação de *Ordem e progresso*) e 1987 (ano de seu falecimento) ele escreveu e publicou tantos outros livros? Por que abandonar a ideia desse quarto volume, que ele mesmo descreve no prefácio à primeira edição de *Ordem e progresso*?

Com o ensaio *Ordem e progresso*, a série de estudos em torno da sociedade patriarcal no Brasil — das suas origens e do seu desenvolvimento —, iniciados em 1933 com o ensaio *Casa-grande & senzala*, aproxima-se da conclusão, dentro do plano estabelecido pelo autor. Essa conclusão se verificará com o ensaio *Jazigos e covas rasas*, cuja publicação deverá ser acompanhada de três volumes de material ilustrativo dos assuntos versados nos vários ensaios da série: documentos, mapas, fotografias, caricaturas. Acompanhada também da publicação, na íntegra, de algumas das muitas autobiografias escritas em resposta ao inquérito ou questionário, organizado pelo autor, e nas quais sobreviventes da época de transição do Império para a República, estudada nas páginas que se seguem, fixam suas reações aos mesmos estímulos, isto é, às mesmas perguntas. Perguntas de caráter geral e perguntas concretas ou específicas (Freyre, 2004, p.33).

O conteúdo do texto já estava bastante amadurecido na mente do sociólogo, como se constata a partir da análise de um trecho muito significativo sobre *Jazigos e covas rasas*, que faz parte da introdução à segunda edição de *Sobrados e mucambos*, concluída em 1961.

Jazigos e covas rasas — o título com que deverá aparecer o trabalho de conclusão dos nossos estudos — cobrirá o mais possível, como estudo de ritos patriarcais de sepultamento e de influência de mortos sobre vivos, aquelas várias fases de desenvolvimento e de desintegração na qual ainda se encontra a sociedade brasileira — do patriarcado, ou da família tutelar, entre nós. Patriarcado a princípio quase exclusivamente rural e até feudal, ou parafeudal; depois menos rural que urbano (Freyre, 2006b, p.44).

Jazigos e covas rasas. O título estava plenamente definido pelo autor, e o título só se define quando se sabe exatamente do que se pretende tratar. Segundo Freyre, seria um volume conclusivo e estenderia toda a discussão sobre os antagonismos sociais a partir das diferenças dos tipos de habitação na última morada. Mas não apenas isso. Freyre pretendia analisar o desenvolvimento e a desintegração da sociedade brasileira (especialmente da família patriarcal), por meio do estudo dos ritos de sepultamento e talvez das diferenças entre os ritos das camadas mais ricas e das camadas mais pobres da sociedade, levando em consideração também a influência de mortos sobre vivos ou a maneira como os modos e costumes, as verdades e as regras de quem já partiu podem interferir na vida de seus familiares por mais de uma geração. Para isso, enfatiza inicialmente as disparidades entre o túmulo monumental, ou o jazigo denominado perpétuo, e a cova rasa, marcada com uma cruz de madeira.

Pelas diferenças consideráveis em termos de dimensão, material, ostentação e localização geográfica, Freyre consegue vislumbrar nos jazigos e covas rasas os mesmos antagonismos existentes entre a casa-grande e a senzala, o sobrado e o mucambo, a mansão e a casa operária. Percebe o prolongamento da situação social do homem — evidenciada pelo espaço que ele ocupa em vida no campo ou na cidade — em sua última morada. E observa que, mesmo depois de morrer, o homem não deixa de ser um homem social — os túmulos e covas rasas muitas vezes revelam a camada social à qual pertenceu em vida e indicam sua situação em relação aos outros indivíduos da sociedade. Enquanto o túmulo monumental, da mesma forma que o palacete, o sobrado alto e a casa-grande de engenho, é símbolo de *status*, ostentação, prestígio e expressão de riqueza, a cova rasa, da mesma forma que o cortiço, o mucambo e a senzala, evidencia a pobreza e a situação social de dominados e não de dominadores. Enquanto no túmulo monumental são dispostas figuras de mármore, bronze e outros materiais nobres, assim como as casas mais ricas são construídas com os melhores materiais, a cova rasa é marcada pela cruz de madeira, assim como os cortiços são erguidos com os materiais menos valorizados e os mucambos são feitos com os materiais

disponíveis no entorno. A mesma palmeira que se tornou símbolo da habitação mais nobre no período colonial aparece muitas vezes junto ao túmulo monumental, mas não aparece junto às covas rasas, circundadas pelo solo mais pobre (Freyre, 2006b, p.45).

Depois de estabelecer essa diferenciação social entre o túmulo monumental e a cova rasa, Freyre escreve sobre a degradação das casas mais nobres (relacionada à desintegração da família patriarcal) e sua repercussão nos jazigos de família. Essa degradação do sobrado, da casa-grande de engenho, da casa mais nobre (tema abordado também em *Sobrados e mucambos*), que se estende aos túmulos monumentais, é um fato na sociedade brasileira desde a decadência do patriarcado rural. A fortuna adquirida por uma ou por várias gerações muitas vezes se dissolve nas gerações seguintes, inviabilizando a manutenção das casas herdadas e também dos túmulos. A decadência da família tem como consequência a degradação de suas propriedades, que incluem tanto as casas de habitação como os jazigos de família (Freyre, 2006b, p.46). A partir daí, surgem situações contraditórias, com os netos empobrecidos de antigos moradores de sobrado de azulejo sendo enterrados não em covas rasas, como os outros moradores de casas térreas, mas em túmulos com qualquer coisa de monumental (Freyre, 2006b, p.46). Pessoas pobres, pertencentes às gerações seguintes de antigas famílias nobres, sepultadas em túmulos monumentais, e pessoas ricas, que empobreceram ao longo da vida, enterradas em covas rasas. De um modo ou de outro, “quebra-se o orgulho” — no primeiro caso, porque, desfeita a riqueza, após algumas gerações, os netos de ministros e personalidades ilustres podem ser enterrados em túmulos degradados; no segundo caso, porque a riqueza se desfez ao longo de uma vida, evidenciando uma situação de decadência.

Não era sem razão que a gente antiga do Recife chamava ao beco que ia do centro da cidade ao cemitério de Santo Amaro de ‘Quebra Roço’. ‘Roço’ é brasileirismo que quer dizer — ensina Mestre Rodolfo Garcia — ‘presunção, vaidade, orgulho’. E é como o tempo — e através do tempo, a dissolução das instituições, e não apenas a dos indivíduos — age sobre as casas e os túmulos — mesmo os monumentais, e não apenas os modestos: quebra-lhes o roço. O roço do que o patriarcado no Brasil teve de mais ostensivo, isto é, a sua arquitetura característica — casas-grandes, sobrados, monumentos fúnebres: criações de pedra e cal, de mármore, de bronze, com que as famílias patriarcais ou tutelares pretendiam firmar seu domínio não só no espaço como no tempo — vem sendo quebrado à vista de toda a gente (Freyre, 2006b, p.47).

O poder dos senhores de engenho, ministros, grandes comerciantes, grandes fazendeiros, grandes industriais não se perpetuando ao longo das gerações seguintes, e às vezes sequer ao longo de sua existência, leva a situações degradantes e a contrastes de modos de vida, de qualidade da habitação ou mesmo da última morada. Mas Freyre

vai além da dissolução dos indivíduos, ao considerar a dissolução das instituições e a degradação dos valores, escrevendo também sobre a importância das análises históricas, sociológicas, psicológicas, poéticas e mesmo pessoais para a compreensão da degradação dos valores sociais e da família patriarcal do Brasil (Freyre, 2006b, p.47).

O fato é que, para elaborar com tamanha desenvoltura os parágrafos sobre *Jazigos e covas rasas* — expressão de um amadurecimento profundo e de um domínio sobre o tema —, Freyre possivelmente estava com a pesquisa concluída e com o rascunho (ou a primeira versão) finalizado. Já havia definido o título e tinha pleno conhecimento do assunto que pretendia abordar. Assim, o livro, não publicado, estava praticamente escrito e provavelmente pronto na mente do escritor-sociólogo. Seria um ensaio social sobre a desintegração da família patriarcal do Brasil, considerada então por meio da análise e contraposição dos túmulos monumentais e das covas mais simples, que, da mesma forma que as construções urbanas e rurais, revelam diferenças na forma de ocupação do espaço, na localização espacial, na qualidade dos materiais, nos elementos simbólicos que expressam seu *status*, seu lugar na hierarquia social, e o “tipo de homem” a que dão abrigo. Não interferem na formação desse homem social como a casa, mas revelam sua origem e condição na sociedade ao longo de sua existência, não obstante os casos contraditórios, que indicam a decadência da família patriarcal. É bem provável que Freyre tenha considerado também os tipos intermediários — entre o jazigo e a cova rasa — que evidenciam outras condições sociais, como fez em *Sobrados e mucambos*, ao analisar a casa térrea, a casa de esquina, a casa assobradada.

O desaparecimento do manuscrito — ou do rascunho praticamente concluído — deixou uma lacuna nessa História da Sociedade Patriarcal no Brasil, que só poderia ser preenchida pelo sociólogo em seu domínio da arte de escrever e de estabelecer associações tão complexas entre o *habitat* e o homem, entre o lugar e a sociedade, entre os elementos simbólicos e sua significação social.

APOIO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, à época do pós-doutorado em História do Brasil, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- BRESCIANI, M.S. A casa em Gilberto Freyre: síntese do *ser* brasileiro? In: CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M.S. (Org.). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. p.39-51.
- FREYRE, G. *Ordem e progresso*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006a.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006b.
- SEVCENKO, N. *A modernidade do mestre do Recife e a modernização mesquinha da república*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004. p.13-32.

RESUMO

Este artigo trata do quarto volume da História da Sociedade Patriarcal no Brasil, de Gilberto Freyre, intitulado *Jazigos e covas rasas*. Existem pelo menos três hipóteses em torno da elaboração desse livro: a de que esse volume foi apenas planejado pelo sociólogo; a de que o volume foi iniciado, mas não foi concluído; e, finalmente, a de que o texto foi escrito, mas o manuscrito desapareceu misteriosamente da residência de Gilberto Freyre. O objetivo aqui é discutir quais seriam as prováveis ideias contidas nesse quarto volume, a partir da análise dos três volumes iniciais publicados por Freyre nas décadas de 1930 e de 1950 — *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos*, e *Ordem e Progresso* —, considerando ainda o que o próprio sociólogo escreveu sobre esse possível quarto volume no prefácio à primeira edição de *Ordem e progresso* e em sua nota metodológica, e também na introdução à segunda edição de *Sobrados e mucambos*.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Brasileira. Gilberto Freyre. História da Sociedade Patriarcal no Brasil. Jazigos e covas rasas.

JAZIGOS E COVAS RASAS (TOMBS AND UNMARKED GRAVES), THE BOOK GILBERTO FREYRE HASN'T WRITTEN?

ABSTRACT

This paper deals with the fourth volume of the History of Patriarchal Society in Brazil, by Gilberto Freyre, entitled Jazigos e covas rasas (Tombs and Unmarked Graves). There are at least three hypotheses regarding this book: that this volume was only planned by Freyre; that it started to be written but was never finished; and that the text was written but mysteriously disappeared from Freyre's home. We aim here to discuss which would probably be the ideas of this book, taking into consideration the first three volumes published by Freyre during the 1930's and the 1950's — The Masters and The Slaves, The Mansions and The Shanties, and Order and Progress —, as well as what Freyre wrote on this possible fourth volume into the preface of Order and Progress (and into its methodological note), and yet into the introduction of the second edition of The Mansions and the Shanties.

KEYWORDS: *Brazilian architecture. Gilberto Freyre. Tombs and unmarked graves. History of Patriarchal Society in Brazil.*



Artes Plásticas – Mix: Periscópio, Arte Cidade II.